

galeria

nara roesler

theory of the
inevitable convergence

A **Galeria Nara Roesler | New York** apresenta *Theory of the Inevitable Convergence*, coletiva dos artistas Artur Lescher, Carlito Carvalhosa e Marco Maggi que tem como motivação evidenciar pontos de contato ainda não explorados entre as poéticas dos três artistas.

Para além de intersecções relacionadas a aspectos formais, as obras escolhidas para integrar a exposição carregam importantes questões colocadas recorrentemente ao público pelos artistas, tal como a maneira em que estes articulam suas obras ao espaço, seja pela forma como interferem e atuam nele, seja através da sugestão de um lugar desconhecido, vinculado ou não ao real. Esse procedimento convida o público a experimentar novas circunstâncias e talvez repensar sua relação com o mundo.

Na exposição estarão: *Finials*, pequenas esculturas em pedestais que fazem referência à estruturas arquitetônicas e *Pêndulos* de Artur Lescher; uma instalação de Carvalhosa composta por óleos sobre alumínio espelhados e lâmpadas tubulares e por fim, Maggi apresenta *Podium*, um tríptico do qual fazem parte três painéis de diferentes tamanhos, sendo cada um deles composto por signos esculpidos com precisão e delicadeza sobre folhas metálicas colocados dentro de armações de slide.



vista da exposição -- galeria nara roesler | new york, 2017

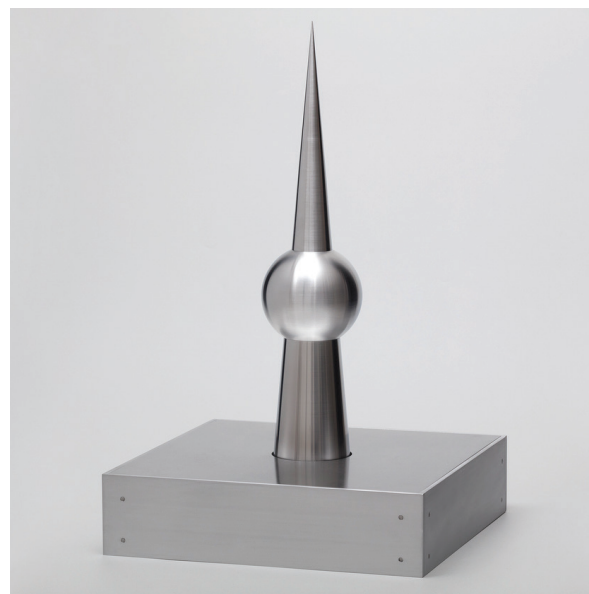


Artur Lescher
Lilla, 2017
latão
170 x 12 cm

Artur Lescher
Finial 1, 2017
latão
60 x 40 x 40 cm

Artur Lescher
Finial 7, 2017
alumínio e latão
46 x 40 x 40 cm





Artur Lescher
Finial 4, 2017
alumínio e latão
61 x 40 x 40 cm

Artur Lescher
Finial 2, 2017
alumínio
73 x 40 x 40 cm

Artur Lescher
Itze, 2017
alumínio e alumínio anodizado
220 x 25 cm



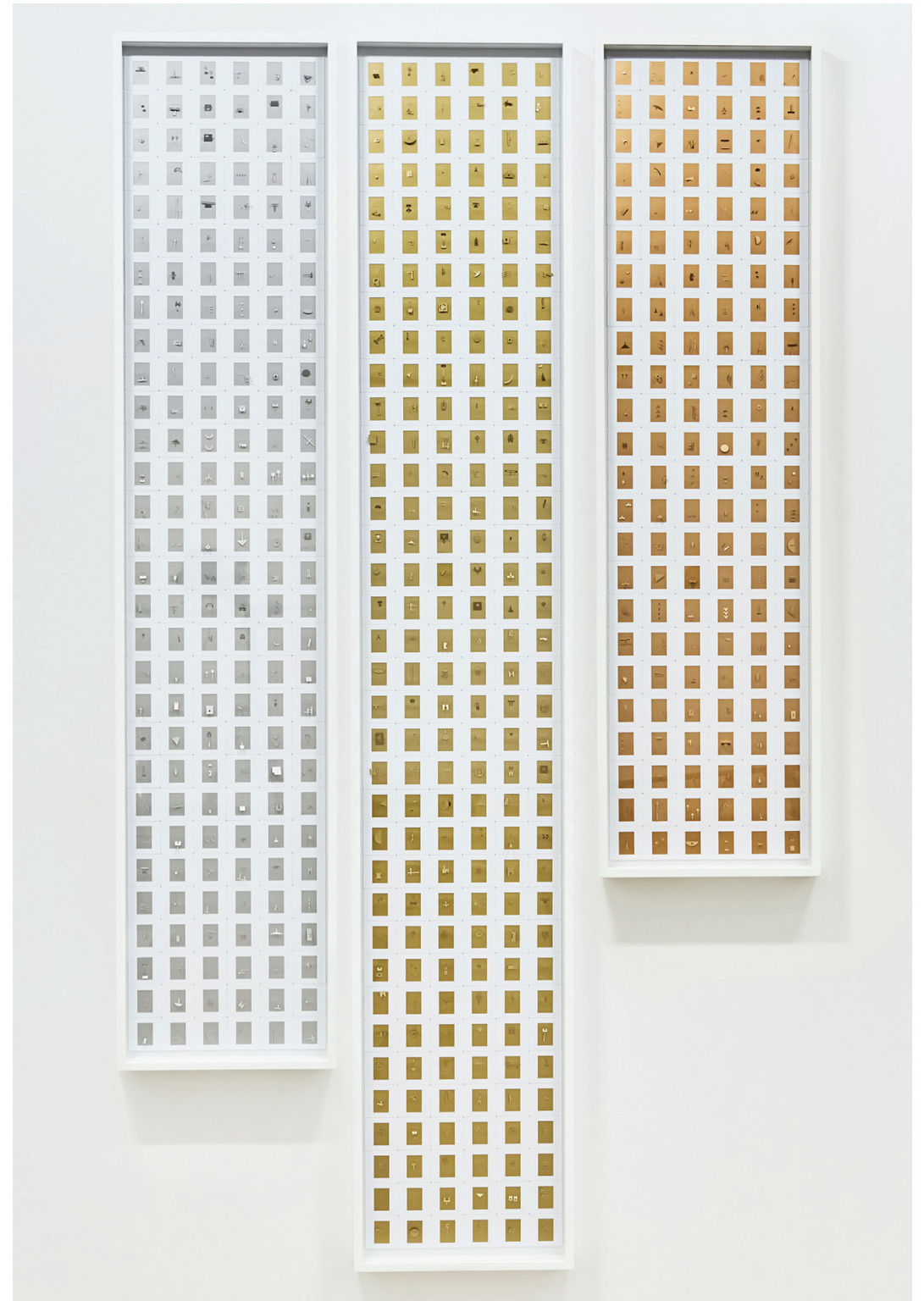


vista da exposição -- galeria nara roesler | new york, 2017

sobre **Artur Lescher**

Há mais de trinta anos, Lescher apresenta um sólido trabalho como escultor, resultado de uma pesquisa em torno da articulação de matérias, pensamentos e formas. Neste sentido, o artista tem no diálogo singular, ininterrupto e preciso com o espaço arquitetônico e o design, e na escolha dos materiais, que passam pelo metal, pedra, madeira, feltro, saís, latão e cobre, elementos fundamentais para reforçar a potência deste discurso. De acordo com o Historiador da Arte Matthieu Poirier “a qualidade principal das obras finamente produzidas por Artur Lescher é que elas produzem um campo de força tangível, de natureza magnética, pode-se dizer, considerando os metais que ele utiliza [...] mas é, sobretudo, de natureza perceptiva.” Ao mesmo tempo que o trabalho de Lescher está atrelado fortemente a processos industriais, atingindo requinte e rigor extremos, sua produção não tem por fim único a forma, está para além dela. Essa contradição abre espaço para o mito e a imaginação, ingredientes essenciais para a construção da sua Paisagem mínima (Galeria Nara Roesler, 2006). Ao escolher nomear obras como Rio Máquina, Metamérico ou Inabsência (Projeto Octógono, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012), Lescher propõe uma extensão do trabalho, sugerindo uma narrativa, por vezes contraditória ou provocativa, que coloca o espectador em um hiato, em um estado de suspensão. Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da edição de 2005 da Bienal do Mercosul em Porto Alegre, Brasil. Expôs em diversas mostras na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos, além de duas mostras individuais, a primeira no Instituto Tomie Ohtake (2006), em São Paulo, e a segunda no Palais d’Iéna (2017), em Paris.

Marco Maggi
Podium, 2017
cortes e dobras em folhas de papel de 35 mm em molduras de slides
variable dimensions



sobre **Marco Maggi**

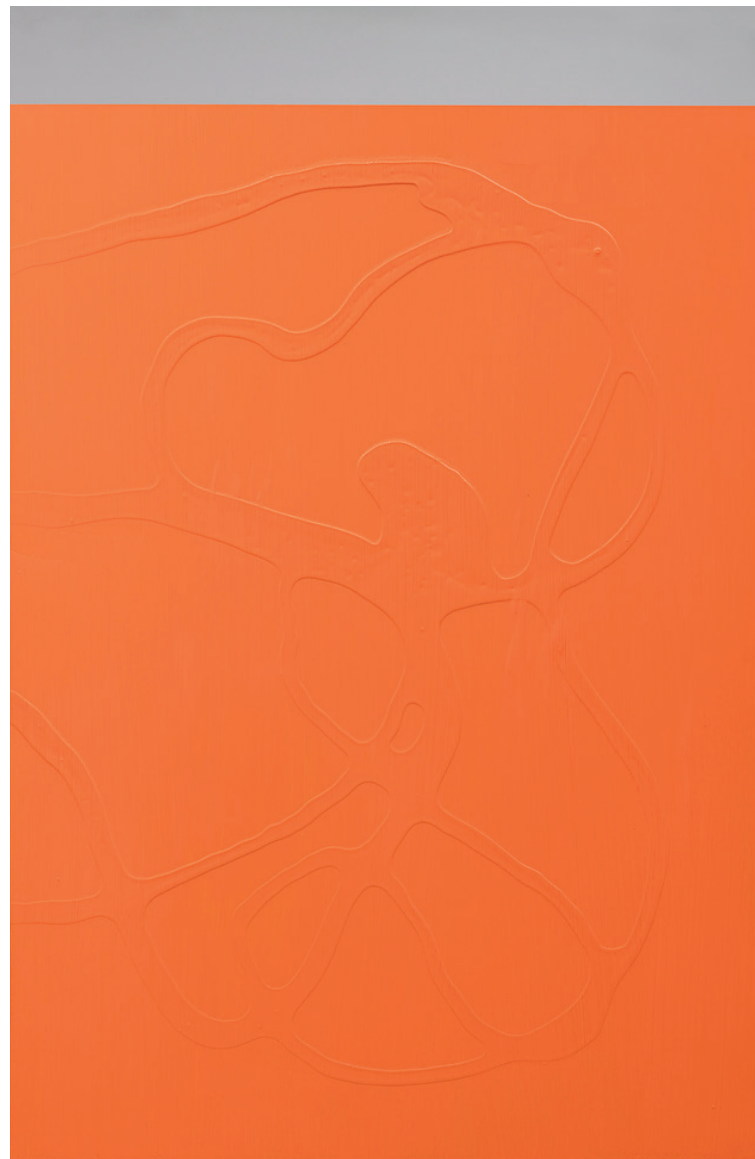
Marco Maggi (n. 1957, Montevideu, Uruguai), vive e trabalha em Nova York e Montevideu. A presença do papel e a maneira artesanal de lidar com ele são duas constantes no trabalho de Marco Maggi, mesmo em suas instalações de grandes dimensões. Suas criações, como *Global Myopia* (Pavilhão Uruguai na 56ª Biennale di Venezia), encorajam o público a diminuir o ritmo, prestando atenção às obras para poder entrar dentro delas, desdobrando seus possíveis significados, repensando o ambiente e a sociedade em que vivem. Em relação à *Global Myopia*, Maggi afirma que: “longe de uma atitude muito século XX, que foi ter soluções para todos e para sempre, atualmente, creio que as únicas esperanças são pequenas e de aproximação, de proximidade. A atitude míope, que é quando se olha algo que se põe muito perto e se olha com atenção e lentamente.” Maggi exibiu seus trabalhos na Bienal de Cuenca, Equador (2011); Bienal da 17ª Guatemala (2010); 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); e a 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002). Suas individuais recentes ocorreram no MOLAA - Museu de Arte Latino Americana, Long Beach, EUA (2013); Vassar College Museum, Nova York, EUA (2013); Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2012); Dorsky Museum, Nova York, EUA (2011).



Carlito Carvalhosa
Sem Título (P51), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm



Carlito Carvalhosa
Sem Título (P58), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
190 x 122 cm



Carlito Carvalhosa
Sem Título (P60), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm

Carlito Carvalhosa
Untitled (P62), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm



Carlito Carolhosa
Sem Título (P59), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
200 x 122 cm



Carlito Carolhosa
Sem Título (P62), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm



vista da exposição -- galeria nara roesler | new york, 2017

sobre **Carlito Carvalhosa**

Carlito Carvalhosa (n. 1961, São Paulo, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Carvalhosa despontou na cena artística nacional na década de 1980, como membro do coletivo paulista Grupo Casa 7, ao lado de Rodrigo Andrade, Fabio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, período em que produziu pinturas de grandes dimensões com ênfase no gesto pictórico. Há mais de vinte anos o artista vem utilizando meios variados e diversos tipos de objetos – incluindo lâmpadas, tecidos, cera, madeira e espelhos – para investigar o espaço arquitetônico, a natureza dos materiais em formas abstratas e a recepção do espectador no contato com eles. De acordo com a curadora portuguesa Marta Mestre, o que interessa ao artista é “a relação entre o espaço e o ato de construir. Mobilizada pelo artista, a construção é um processo para reordenar o mundo à sua frente, suportar seu caos e, assim, diferenciar a atividade perante a natureza”. Mestre ainda destaca que a obra de Carvalhosa é “perpassada pelo pensamento da escultura enquanto construção, adicionando o gesto e retirando o vazio”. Estas observações são evidentes em seus trabalhos mais recentes como A Soma dos Dias, uma monumental instalação site-specific feita para o projeto Octógono na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2010) e para o átrio do MoMA (2011), e a instalação Sala de Espera no MAC-USP (2013), na qual vinte e quatro postes de madeira foram suspensos no espaço expositivo, em conjunção com a arquitetura de Niemeyer.

Carvalhosa participou da Bienal de Havana, Cuba (1986 e 2012); da Bienal do Mercosul em Porto Alegre, Brasil (2001 e 2009); da 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985). Realizou a ação Rio no MoMA de Nova York (2014) e algumas de suas individuais se deram: no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013); no Projeto Contentores, Guimarães, Portugal (2012); e, no MoMA, Nova York, EUA (2011).

